

MISSÃO COMO SOLIDARIEDADE E PARTILHA

Tea Frigerio
t_frigerio@hotmail.com

RESUMO: *Economia e missão binômio ligado tradicionalmente as obras e atividades apostólicas realizadas pelos missionários e missionarias. Anunciar com a economia é novo paradigma para missão. Economia não mais como filantropia, mas ordem econômica que se torna Boa Notícia porque tornar a oikos casa habitável para toda humanidade, para toda expressão de vida. O caminho a ser percorrido para os e as missionarias de vida consagrada e reler e renomear o voto de pobreza como voto de mutua sustentabilidade. A Palavra de Deus em Miqueias, a proposta de Jesus de Nazaré, o pensamento ecológico que ecoa nas palavras de Papa Francisco são os caminhos que o artigo nos convida a percorrer para sermos fieis à economia divina.*

ABSTRACT: *Economy and on binomial mission traditionally the apostolic works and activities carried out by missionaries. Advertise with the economy's new paradigm for mission. Economy not as philanthropy, but economic order that becomes Good News because making the oikos house habitable for all mankind, for every expression of life. The way to go for and consecrated missionary life and reread and rename the vow of poverty as voting mutual sustainability. The Word of God in Micah, the proposal of Jesus of Nazareth, the ecological thinking that echoes in Francis Pope's words are the ways that the article invites us to go to be faithful to God's economy.*

INTRODUÇÃO

“O que os Evangelhos dizem repetidamente de Jesus ‘Teve compaixão’ e o que o Papa expressa com acentos fortes na Exortação apostólica Evangelii Gaudium, nos estimula a orientar o nosso empenho para o próximo sexênio nos três grandes caminhos da missão: a encarnação, a solidariedade e partilha, o testemunho de comunhão e diálogo”¹

¹ TEVE COMPAIXÃO – Documento do IX Capítulo das Missionarias de Maria – Xaverianas. Parma, 2015 (Tradução do texto em português), p. 4.

Estas palavras são o compromisso das Missionárias de Maria – Xaverianas para o próximo sexênio expressas no Documento Capitular: *“Teve compaixão”*. Ouso partilhar algo daquilo que escrevemos sobre o tema: *Missão como solidariedade e partilha*.

Anunciar com a economia

Sempre mais a Igreja nos convida² a considerar a dimensão da economia, quer dizer a gestão dos bens, como uma modalidade de viver nossa fidelidade à chamada de Cristo e um sinal de seu Evangelho.

A “globalização da indiferença” torna muitos insensíveis ao drama de grão parte da humanidade; nós mesmas percebemos que talvez refreemos o passo, com a diminuição do elã apostólico, a dificuldade a nos aproximar mais do povo, a encontrar as pessoas lá onde elas vivem e a sair em direção às periferias humanas e existenciais.

O Espírito que nos chama nos doa o desejo e a alegria de ousar a mudança, vencendo o medo, para nos colocar mais radicalmente no seguimento de Jesus que se aproximou da humanidade, tocou sua carne para cura-la e para fazer do mundo uma casa onde cada pessoa seja reconhecida na sua dignidade de filha de Deus (...)

“A terra é a nossa casa comum, e todos somos irmãos.” (EG 183). É o sonho de Deus, a sua “economia”, quer dizer seu desejo sobre o mundo. Deus não ama a pobreza e a finalidade dos bens é o bem comum. Em Jesus que, de rico que era se tornou pobre por nós, para que nos tornássemos ricos pela sua pobreza (cf. 2Cor 8,9), manifesta-se a predileção de Deus para os pobres. Disso nasce a opção pelos pobres e o convite sempre renovado de Papa Francisco de ser uma igreja pobre para os pobres (cf. EG 198).

Movidas pela compaixão de Jesus

O evangelho da misericórdia abre ouvido e coração para acolher o grito dos nossos irmãos e irmãs, compartilhando com alegria os bens, as ideias, as energias positivas, nos mesmas, o nosso tempo, a

² Cf. BENTO XVI. *Caritas in veritate* (CV), 29.06.2009; FRANCISCO. *Evangelii gaudium* (EG), 24.11.2013; Simpósio internacional organizado pela Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica (CIVCSVA) sobre o tema: “A gestão dos bens eclesiais a serviço do Humanum e da missão da Igreja”, realizado a Roma 8-9 março 2014 por vontade de Papa Francisco.

nossa vida, sentando à mesma mesa e comendo do mesmo pão. Permanecer indiferentes, não nos aproximar, nos coloca fora da vontade do Pai e do seu projeto e na tristeza (cf. Cf. CV, 19.34; EG, 2)

Somos chamadas a nos sentir interpeladas pela compaixão de Jesus, a tocar as pobreza que ferem, para lenir, nos gastar, pagar de pessoa com toda ternura, criatividade, afeto e aqueles gestos que são próprios do nosso ser mulher.

“Vai, vendi o que tens, dá aos pobres; vem a Segue-me!”, disse Jesus (Mc 10,21). A solidariedade é bem mais de que alguns atos de generosidade: trata-se de colocar os bens em círculos para vida de todos, combatendo em nós mesmos a lógica da posse e do consumo. É a condição para poder seguir Jesus (...)

Numa sociedade globalizada que nos aproxima, mas que nem sempre nos faz irmãsirmãs, é pedido as nossas comunidades de serem escolas de fraternidade onde cada uma se faz dom a outra na gratuidade e junto ser dom para os que vivem ao nosso redor, fazendo assim acontecer no mundo a beleza do sonho de Deus (...)

A novidade, o desafio está no título: *anunciar com a economia*. A economia não é mais mero meio para realizar a missão, mas se torna conteúdo do anúncio. A economia não é mais algo que suja e da qual se deve fugir, mas é um *locus* da missão, do anúncio. Isso me leva a ligar economia a voto de pobreza. E é por este caminho que minha reflexão vai enveredar.

MIQUÉIAS 6,1-8: O CAMINHO QUE AGRADA A DEUS

Na igreja foram escritos tratados apresentando a ‘vida consagrada’ como vida de perfeição, de santidade, meta alcançada pela vivência dos votos. Ao concentrar nossos esforços nessa ascese esquecíamos-nos de viver a profunda intuição que marcou a vida consagrada desde sua gestação pelos padres e madres do deserto: recuperar o sonho de Deus que é sonho de gratuidade e misericórdia, da religiosidade da vida.³

³ FRIGERIO, Tea. Re-encantar-se no princípio ... In: *Convergência*, Revista da CRB n. 420 e 421, ano 2009.

No sentido comunitário da vida, os votos não são privilégios, mas uma necessidade histórica. Num texto do profeta Miqueias, encontramos palavras inspiradoras que respondem a uma interrogação e que são palavras luminosas para perceber que a vida de votos não é exclusividade da vida consagrada, mas um estilo de vida a qual toda humanidade é convocada:

*“Como me apresentarei a Iahweh,
e me inclinarei diante do Deus do céu?*

...

*“Foi-te anunciado, o que é bom,
e o que o Iahweh exige de ti:
nada mais do que praticar o direito,
gostar do amor
e caminhar humildemente com teu Deus!” (Mq 6,6-8)”*

O profeta empresta sua voz primeiramente ao fiel que se interroga como se apresentar na frente de Deus, e a partir de sua visão distorcida da religião, qualquer oferenda parece inadequada. Depois o profeta empresta sua voz ao Senhor que manifesta seu pensamento sobre o que é religião e lhe indica o caminho que lhe agrada:

- Praticar o direito, a justiça = pobreza.
- Gostar do amor - Amar com ternura = castidade
- Caminhar humildemente com teu Deus = obediência.

É claro que o profeta Miqueias não pensava nesta direção, é uma releitura possível que podemos fazer a partir do nosso chão.

Estão aqui delineados os três votos que irão caracterizar a vida consagrada mais tarde. Notamos que são caminhos para viver plenamente o ser religioso, não de um grupo seletos, mas do povo. Ser religioso é um estilo de vida que une o povo na resposta ao seu Deus e não que cria separações, grupos seletos. São palavras que convocam a construir um estilo, a tecer relações de vida harmoniosas, que libertam e libertam a história.

Ao olharmos para Jesus percebemos que todo o seu ser e agir aponta para um estilo de vida centrado nas relações e numa nova responsabilidade que nos faz mergulhar dentro da história para compartilhar o sonho de Deus (Hb 1,1-2).

Deus sonhou, sonha? Qual é seu sonho? Vislumbramos o sonho de Deus nas palavras do profeta Miqueias e nos caminhos que ele aponta para que este se realize: pobreza – amor – obediência.

A economia de Deus não se baseia no acumulo nem na mesquinhez e sim na abundância e no desperdício. Deus não ama a pobreza. Parece que Ele é incapaz de somar, dividir, contar, pois esbanja seus dons no universo (Mt 6,25-34). Nenhuma cultura afirma que a pobreza é bela. Belo é colocar em círculo os bens, as ideias, as energias positivas, nossos corpos, nossa vida. Sentar à mesma mesa, comer o mesmo pão, para não existir o supérfluo.

“Deus de compaixão e de piedade... cheio de amor e fidelidade” (Ex 34,6). O amor de Deus se expressa pela compaixão, piedade, amor e fidelidade, é seu jeito de se relacionar com a humanidade. Relação que nos remete à castidade, realidade que não deve ser carregada de moralismo ou centrada unicamente na sexualidade, mas no desejo de criar relações novas gratuitas, ternas e amorosas (cf. EG 46).

A obediência vem do verbo latim *ab-audire*, que significa escutar intensamente. Colocar-nos na atitude de servo: cada manhã (Is 50,4-5) e responder como Jesus: *“Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir sua obra”* (Jo 4,34). Estar à escuta, entrar em sintonia, assumir e retomar a iniciativa de realizar o sonho de Deus, para obedecer à vida.

Os votos são hoje características que definem a ‘vida consagrada’, mas não estavam presente na sua inspiração inicial, surgem bem mais tarde. Hoje, porém os votos são como a carteira de identidade da ‘vida consagrada’.

Na história bíblica o termo *votos* não existe. Na língua hebraica se traduz com *pacto, aliança, promessa*. Também não o encontramos nos evangelhos. Jesus aos discípulos e discípulas não pede votos, nem os pede ao povo, tampouco pede sacrifícios. O vocábulo votos aparece unicamente referindo-se a Paulo que tinha feito voto de cortar o cabelo (At 18,18).

Isto significa que para justificar os votos temos que buscar algo profundamente interior, que não é de umas poucas pessoas, mas que pertence à inquietude humana e à sua busca de sintonia com o universo e o divino. Alguns salmos podem nos ajudar Sl 22,26; 35,18; 40,7-10; 116,14. Percebemos que o contexto é de calamidade, grande sofrimento pessoal ou coletivo, na peregrinação ao Santuário num contexto dinâmico de busca: chegar ao Santuário para cumprir seus votos, quer dizer renovar a aliança na certeza da presença do Senhor. O povo latino-americano conhece bem esta experiência.

O contexto histórico que inspirou os votos tinha em seu bojo uma profunda inquietude, acompanhada de busca ética e mística cultivada nas perguntas *Deus onde estas? Onde vives? Onde te encontras? Quando e como te encontramos?* Então os votos não são um fim, são somente um meio, um itinerário. Fazem parte da precariedade da história que assumimos e com a qual caminhamos.

Hoje temos muitos motivos para afirmar que vivemos situações de precariedade. Nesta história pós-moderna o povo mantém o mesmo sonho: viver relações d'amor interpessoais e comunitárias, relações circulares, poderíamos dizer relações castas; viver a justiça, pois muitos vivem no limite da sobrevivência, a vida do planeta está ameaçada, então faz voto de viver uma vida sóbria; sonha participar na construção da história, para obedecer verdadeiramente e ser protagonista no empenho de manter a vida. Os votos então expressam o desejo de sonhar com Deus e com o povo, para não abandonar nem Deus nem o povo.

Nascem de uma profunda inspiração: viver o evangelho com simplicidade e com poucos meios e se tornam uma opção mística e política. Nascem do desejo de viver o evangelho na vida e na história sem muitas estruturas. Homens e mulheres que ao começar a trilhar o caminho o fizeram a partir de intuições, viveram ao mesmo tempo um acontecimento histórico e de fé. Histórico porque deixaram na história marcas que provocaram mudanças. De fé, pois se fundamentaram na pessoa de Jesus de Nazaré.

Acontecimento de fé, místico e político porque buscaram transformar estruturas e esquemas da sociedade. O evangelho sempre é um acontecimento místico-político porque convite ao amor e o amor transforma.

A vida consagrada nasce dentro de uma busca. Então se é busca é caminho de fidelidade a Deus e a história. Se for busca e caminho tudo indica que a fidelidade não é estaticidade e sim movimento: fidelidade dinâmica. Busca é também gratuidade, pois sabemos de onde partimos, mas não onde seremos conduzidas e nem o ponto de chegada. Se for busca e perseguição de um sonho é a ousadia de se deixar guiar pela Ruah que como o “*vento sopra onde quer e ouvimos seu ruído, mas não sabemos de onde vem nem para onde vai*” (Jo 3,8).

O sonho, o anseio de viver a ‘vida religiosa’ sem muita estrutura é desejo místico. Não vamos pensar na estratosfera, quem faz esta experiência mística são corpos de homens e mulheres, na vida cotidiana. Quem faz a experiência do mistério são pessoas, corpos que tem valor político, pois sua linguagem é uma linguagem social: é um estilo de vida alternativo dentro da sociedade.

Mística, caminho para encontrar hoje o Senhor Jesus. Política porque nos liberta da tentação de olhar ao passado com saudade ou nos fixar em nossa própria realidade, na vida de nossas próprias congregações. Convida-nos a deslocar-nos para tentar responder às interrogações, apelos e desafios da sociedade moderna. Deslocar-nos dos centros de poder para ir ao deserto, para periferia, não somente em sentido geográfico, mas para assumir e compreender a mentalidade da periferia. O deserto, a periferia deve ser compreendida, como lugar onde ressoa a Palavra de Deus, acorda a memória de Jesus, brota o protesto e nascem as propostas alternativas.

O sonho de Deus é “*formar casa*”. Como cristãos/as devemos redescobrir a circularidade da vida, da história: a diversidade deve circular, a gratuidade deve ser cultivada. Isso nos leva a fazer uma opção: realizar o sonho de Deus de *formar casa dentro da realidade histórica*.

VIDA CONSAGRADA: UM CHAMADO À LIMINARIDADE

Podemos afirmar que a espiritualidade é mais antiga do que a religião. O fazemos a partir de algumas constatações: a espiritualidade como busca de significado e sentido da vida que orienta a humanidade e define o ser humano tem mais de 70mil anos; a religião existe escassamente há 4500 anos; as religiões clássicas: hinduísmo, judaísmo, budismo, cristianismo surgiram nas civilizações clássicas entre 3500 a.C. e 1500 anos d.C.; nos últimos 30 anos há uma busca intensa de espiritualidade enquanto as religiões clássicas parecem se deteriorar; as religiões com suas formas, jogos e armadilhas às vezes se tornaram um obstáculo à busca de espiritualidade; e, nestes últimos tempos assistimos a fenômenos de radicalismo, violência, intolerância, guerras em nome da religião.

A ‘vida consagrada’, os votos têm vínculos com valores que podem orientar e resinificar o sentido da vida do ser humano. Este modo de vida, de diversas maneiras está presente em todas as religiões, adaptando-se ao contexto sociocultural e mantendo umas características, como: vida simples e austera - oração e devoção - empenho misericordioso com os pobres e emarginados. Paradoxalmente a ‘vida consagrada’ para existir não precisa da religião nem da Igreja católica apostólica romana. Vocação à vida consagrada é uma vocação liminar.

O que a antropologia define como comunidades liminares? Apresento uma possível definição: “*Liminar é um espaço social ambíguo e sagrado no qual uma pessoa ou um grupo é separado por um tempo das estruturas normais da sociedade*”⁴

A definição subentende algumas ideias:

- As comunidades, as pessoas liminares clareiam as estruturas existentes e ao mesmo tempo provocam mudanç as.

⁴ Cf. CONSPIRANDO – Revista Latino-Americana de Ecofeminismo, Espiritualidad y Teologia 31, Santiago, março 2000

- As sociedades tendem a se estruturar, a se esclerosar nos dogmas, na tradição, nas leis, nos códigos, na moral, nos costumes ...
- Cada sociedade gera comunidades, ou pessoas liminares. Inconscientemente uma sociedade separa alguns indivíduos ou grupos e os assinala de um especial sistema de valores. São projetados nelas os valores que a sociedade está perdendo, suas esperanças e sonhos. As sociedades ou grupos necessitam de *alguém* que encarne os ideais em que acreditam e consideram sagrados, e através deles rearticular valores que são considerados arquétipos e que parecem perdidos ou esquecidos.
- As sociedades precisam dessas comunidades, dessas pessoas, mas ambigualmente podem achá-las irrelevante e até perseguí-las, pois elas criticam e apontam transformações.
- Este processo é uma busca criativa que quer responder as necessidades contemporâneas e ao mesmo tempo alimentar uma nova visão de futuro.
- A vida consagrada é um chamado, é uma vocação a liminaridade. Um chamado a oferecer uma imagem especular na qual as pessoas possam ver refletidas e reconhecer suas buscas, lutas e esperanças de uma existência mais significativa. A sociedade humana necessita de uma *vida de votos*, mas de uma forma que desafie e inspire o contexto de cada época a recuperar valores arquétipos perdido.
- Carl Jung afirma que quando os símbolos decaem o inconsciente coletivo como vulcões em erupção geram novos arquétipos, pois estes estão inscritos de modo indelével na consciência coletiva. Os valores arquétipos estão ligados ao:
 - * sagrado
 - * cosmos
 - * terra
 - * outros seres humanos em termos de sexualidade afetiva
 - * outros seres humanos em termos de companheirismo e co-operação.

- A recuperação destes valores acontece, na maioria das vezes, fora das instituições religiosas, no limite da estrutura social. As pessoas encontram criativamente seus caminhos para recuperar o que está em perigo de ser perdido para sempre.
- As e os que são chamados a uma *vida de votos*, a uma *vocação liminar* são os depositários de uma vocação que não pertence somente às religiões e sim pertence à humanidade, inclusive de quem diz não ter fé.
- Constatamos, porém que a vida consagrada perdeu contato com sua vocação liminar, pois ao longo da história foi domesticada, então surge a interrogação: Qual é o desafio liminar para os nossos tempos?
- A liminaridade é crescimento, é risco a ser vivido, por isso exige criatividade, flexibilidade, fluidez e coragem para entregar-se ao caos. Entregar-nos ao caos é a coragem de embaralhar as coisas e começar do princípio. Como no Gênesis (1,1-2) o caos é o princípio da criação. Voltar ao caos para recriar, irradiar e intensificar determinados valores a serviço da humanidade.
- Ao restringir a vida consagrada à religião e ao colocá-la no contexto da igreja formal e institucional, traímos nossa vocação, violamos sua essência e seu alcance global e cultural. Somos uma espécie em extinção, tem muito a recuperar a nos converter. Isso é urgente!

É neste horizonte que me limito neste artigo a refletir sobre o voto de pobreza.

O VOTO DE POBREZA - PRATICAR O DIREITO, A JUSTIÇA.

O profeta Miqueias aponta o caminho da prática do direito e da justiça, que ligamos ao voto de pobreza. O voto de pobreza nos coloca em relação com o universo e os seres humanos. Ele nos convida a percorrer o caminho de devolver a nós mesmos a *casa*, e a nos perceber como criaturas planetárias e cósmicas. A esta *casa*

nós devemos tudo o que somos. Somos a memória visível de um universo em processo, parte de uma imensa rede inter-relacional. A terra não nos foi confiada para ser objeto a ser explorada, mas a ser cuidada. É este ventre primordial que gerou e gera tudo o que existe e aonde fomos paridas, paridos.

E. Fritjof Capra, em seu livro *O Ponto de Mutação*, afirma com palavras proféticas:

“A nova visão da realidade ... baseia-se na consciência do estado de inter-relações e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Esta nova visão transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais”.

O pensamento ecológico que nasce destes pensadores nos convida a pensar e viver a vida como uma rede de relações, rede que forma o ecossistema. Pensamento ecológico que é parte da elaboração de novos paradigmas de pensamento. Entre estes novos paradigma se insere a ‘vida consagrada’ como vocação, chamada a viver a liminaridade da mutua sustentabilidade.

Hoje, é patrimônio adquirido que os dois relatos do Gênesis são reflexão de fé a partir de contextos existenciais de lugares e épocas diferentes. Nós cristãos reconhecemos, e disto precisa pedir perdão, que estes textos, sobretudo Gn 1,26-28, foram lidos e interpretados, na civilização ocidental, para legitimar e construção de uma mitologia do poder, dominação e exploração indiscriminada sobre a natureza e as pessoas.

Gn 1 e 2, embora escritos em épocas diferentes (VI século o primeiro e X séculos o segundo), chegam a nós em continuidade um do outro. Isto aponta à necessidade de uma leitura própria para cada texto, mas também a necessidade de perceber que um é o complemento do outro, um esclarece o outro. Então, se Gn 1,28 traz os verbos *kabash* = pisar na terra, subjugar, e *radah* = dominar, por sua vez, Gn 2,15 nos fala que o ser humano deve cultivar = *abad* e guardar o solo = *shamar*. A vocação do ser humano então é de ser no universo, na historia imagem e semelhança de Deus com a missão de cuidar e cultivar da nossa casa comum.

Parafrazeando Abraham Heschel, podemos dizer: “*Não se pode construir outra imagem do Todo-Poderoso além desta: nossa própria vida como representação de Sua vontade. Homem e mulher, criados à Sua imagem, devem imitar Sua misericórdia. Ele delegou à humanidade o poder de agir em Seu lugar. Somos seus representantes quando aliviemos o sofrimento e trazemos alegria*”. O Todo-amoroso nos criou à Sua imagem e semelhança, para sermos no universo a continuação de Sua presença criadora e fecunda, para cultivar e cuidar da vida.

Em fidelidade e criatividade à nossa vocação precisamos re-nomear *o voto de pobreza voto de mutua sustentabilidade*. Re-nomear significa apreender de novo o que significa *estar em casa*. Casa a qual pertencemos junto aos outros seres com os quais partilhamos a terra como lar, numa relação de interdependência que garante a vida. Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si'* percorre este caminho.

Re-nomear nos interroga: como viver o voto de mutua sustentabilidade em situações onde a pobreza é o modo de vida? Onde a injustiça prevalece? Onde os bens estão acumulados e a serviço de poucos? Onde as pessoas valem menos que o lucro? Em um universo abusado e violentado pela exploração indiscriminada? Onde o econômico e o financeiro tem prioridade sobre pessoas, grupos humanos, povos?

O sonho de Deus é colocar em círculo os bens, a vida. O sistema piramidal não permite a circulação de bens e é a negação do sonho de Deus. Uma atitude profundamente eucarística é a circularidade, colocar em círculo os bens, a própria pessoa. É voto comunitário, é uma pedagogia que antecipa uma história diferente. Voto de mutua sustentabilidade que se torna voto de justiça que não é somente uma questão econômica e sim empenho de vida, compromisso de não trair o sonho de Deus.

Podemos definir o voto de Pobreza como uma *saudade*.

O amor, a sede, a saudade passam através de nossos corpos, da realidade da nossa vida. Ser espirituais – passar da morte a

vida – passar através do amor, pois somente assim nos tornamos críveis. É a boa notícia anunciada aos pobres, a libertação aos presos, a vista aos cegos, a libertação dos oprimidos, o ano de graça revelado aos pequenos (Lc 4,18ss; 1Jo 3,14).

Neste sentido falar de pobreza não significa unicamente falar exclusivamente de bens. E se falamos de bens entendemos que estamos falando da economia de Deus. A pobreza como os outros votos, se compreende somente aceitando a alteridade. É uma saudade que chega a nós de fora e nos leva para fora.

Não há separação entre Deus e a história, este laço é mais forte do que podemos pensar. Podemos colocar a reflexão sobre a pobreza nesta dimensão: recuperar a relação entre Deus, a natureza e a humanidade, pois o que está em jogo é a vida, as coisas, os bens, tudo o que faz parte das infinitas relações que a vida nos oferece.

Que senso há hoje professar este voto? Neste momento histórico em que vemos aparecer uma espiritualidade de mundo rico e que prega a teologia da prosperidade? O amor à pobreza surge numa época em que o cristianismo aceitou privilégios, e riquezas tornando-se uma religião acomodada e ganhando imunidades e privilégios. Nasce ‘irmã pobreza’, como escolha que leva a romper com os privilégios para não confundir o Evangelho com o poder.

Olhando para América Latina e outros Países este voto assume um colorido diferente. Vivemos num continente empobrecido, que se move entre uma estranha relação entre dignidade, diversidade e exploração, injustiça e o acordar de culturas onde o ‘bem viver’ inspira, e assim, o termo assume outra força, outro colorido.

O caminho se dá no processo que leva a desmistificar voto de pobreza. Despi-lo e libertá-lo da mística falsa que foi criada. Falar de pobreza em situações como as que vivem a maioria dos países latino-americanos, e de outros continentes é ambíguo. A vida consagrada não chega a expressar esta intensidade. Na maioria das vezes este voto é ao redor dos bens: pobreza afetiva e efetiva, ter ou não ter bens; bens pessoais, bens da congregação. Assim por séculos nossa partilha ficou carregada deste fardo. Mas

ninguém quer ser pobre. Então o que significa professar pobreza? Intuímos que esta escolha não é em relação com ‘ser pobre’, mas com uma economia diferente na história. É uma compreensão que dura ao longo de toda vida e que se cultiva deixando crescer a saudade e a sensibilidade. São escolhas que não podemos fazer sozinhas, sozinhos, mas em âmbito comunitário amplo, quer dizer universal. Isso chama atenção mais uma vez que a ‘vida consagrada’ não pode ser um caminho fechado numa busca de coerência e perfeição individuais ou de grupos seletos, mas na inquietude humana de busca de um mundo novo possível, da uma história que recoloca no centro a vida.

O segundo passo será sair do nosso egocentrismo, para reconhecer quem são os nossos companheiros e companheiras de caminho. A questão do voto de pobreza é uma questão de relação com, considerando que a vida é feita de teias de relações. Então o voto nos recorda que a outra dimensão é a obediência à vida, então sua radicalidade não está nas privações, inventar penitências, mas obedecer à vida, caminhar humildemente com Deus como diz Miquéias sem abandonar o sonho de uma história diferente. O objetivo desta escolha não é aquela de ser pobre, mas que o mundo torne a viver o sonho de Deus, que é sonho de dignidade e d’identidade.

Para sair da ambiguidade da pergunta ascética come ser pobre, a pergunta deve ser reformulada: *“Como ser profundamente amantes deste Projeto de Deus, que não sonhava a pobreza, mas a circulação dos bens? Qual a relação entre pobreza e sobriedade? Onde e com quem apreender a viver este voto? Quais os nossos companheiros e companheiras de busca? No projeto comunitário de missão qual o lugar deste voto?”*

Jesus canta com muita saudade as bem-aventuranças, como um cântico de amor para o povo. Ele procura amigos e amigas que partilhem o sonho divino de uma economia diferente. Este voto faz parte de uma busca maior: a pobreza como a castidade, nos orienta para o encontro e a reconstrução das relações. É um voto que nos torna, inquietas e vagabundas, buscando companheiros e companheiras, amigos e amigas de viagem.

Podemos recuperar os verbos cuidar e cultivar: cultivar nos dá força para tomar iniciativas de amor profundo na realidade, cuidar se torna amar com ternura e defender os delicados equilíbrios da vida. Amor que podemos aprender a ter no contato com a Palavra. Nos ajuda a levar em conta os equilíbrios deste mundo feito de terra, de água, de plantas, de animais, de coisas muito precárias e delicadas. Reconhecer que vivemos esta precariedade e recordá-la. Por isto em memória delas, fazer a nossa escolha.

O profeta Miqueias nos apontou três caminhos: praticar o direito, a justiça = pobreza; gostar do amor = castidade; caminhar humildemente com teu Deus = obediência. Caminhos profundamente humanos, pois a castidade como sede, a pobreza como saudade, a obediência sintetiza nossa opção de vida que é radicalidade no amor.

CONCLUINDO SEM CONCLUIR ...

Começo de conversa? Convite a continuar a conversa na circularidade? Conversa nascida observando, escutando, na leitura, na pesquisa, na reflexão, na inquietude, na troca e partilha de sonhos e utopias na busca de horizontes.

Parte de um texto mais amplo que foi nascendo aos poucos como um jardim que vai se desenhando traçando caminhos, adquirindo flores, planta, seixos, água que borbulha e forma lagoinhas. Ao primeiro olhar pode dar a impressão de confusão, pois não estamos preocupadas numa ordem estabelecida, mas na harmonia, no perfume, num jardim que convida à paz, renova as energias, onde pode ser gostoso ficar, mas que convida a sair e a recriá-lo em outros lugares, em outras partes do universo.

Texto que não é somente meu, pois muitas companheiras e companheiros somaram com minhas reflexões. Agora este texto também é seu, é vosso para continuar a ser escrito, a ser vivido e, sonhar a utopia de uma vida pobre, sóbria, caminho para anunciar a Boa Nova de Jesus: defender e assegurar vida a humanidade, ao universo nossa casa comum.